



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

A POTÊNCIA ORGÁSTICA COMO PULSÃO NEGUENTRÓPICA VISÕES DO VÍNCULO CONTEMPORÂNEO

Frederico Foroni

RESUMO

A potência orgástica, conceito desenvolvido por Wilhelm Reich e atualizado por Genovino Ferri como pulsação neguentrópica, refere-se à capacidade de entrega ao prazer e ao afeto de forma espontânea, energética e vital. Esta entrega envolve ciclos de tensão, excitação, descarga e relaxamento, permitindo a autorregulação do organismo e uma vivência plena da vida. No cenário contemporâneo, caracterizado por hiperprodutividade, relações líquidas e repressão emocional, resgatar essa potência significa reconectar-se com o corpo, com o outro e com o cosmos. Este trabalho articula teoria e prática clínica para refletir sobre os caminhos de reconexão pela via da potência orgástica.

Palavras-chave: Potência Orgástica. Pulsação Neguentrópica. Reich. Ferri. Terapia corporal.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo explorar e integrar o conceito de Potência Orgástica – tal como proposto por Wilhelm Reich e atualizado por Genovino Ferri com a noção de pulsação neguentrópica – às práticas contemporâneas de cuidado terapêutico. Considerando-se o cenário atual marcado pela superficialidade das relações, pelo cansaço crônico e pela fragmentação do sujeito, propõe-se uma escuta ampliada que considere tanto as repressões e patologias quanto as potências e pulsações já presentes no corpo do paciente. A investigação se estrutura em torno da teoria reichiana, de sua atualização por Ferri, da crítica à sociedade contemporânea (Bauman, Han) e do conceito de estado poético de Edgar Morin. Além disso, propõe-se uma ampliação prática e clínica a partir do material oral transcrito, que contribui com uma abordagem sensível e experiencial.

“A vida é feita de poesia e de prosa. A poesia nos leva além do utilitário, para a beleza, a emoção, o mistério.” (Edgar Morin, 1997)

2 A TEORIA DE WILHELM REICH

Wilhelm Reich (1897–1957) foi um psicanalista austríaco que ampliou a compreensão da psicanálise ao incorporar o corpo como campo de expressão das neuroses. Em sua obra seminal "A Função do Orgasmo" (1927), ele propõe que a entrega para um orgasmo pleno é um critério de



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

saúde emocional e seu funcionamento é um fractal do “como” o sujeito experiencia a vida, através das relações. Essa entrega, quando comprometida por coraças musculares e psíquicas, gera bloqueios do fluxo da energia vital que se traduzem em sintomas psíquicos e somáticos.

“A capacidade de experimentar um orgasmo pleno é o critério de saúde emocional. Ela expressa a entrega à vida.” (Reich, *A Função do Orgasmo*, 1927)

Reich denominou essa energia de orgone, e compreendeu que seu livre fluxo era essencial para a autorregulação do sistema vegetativo e psíquico. A potência orgástica, nesse contexto, é a capacidade de vivenciar plenamente esse ciclo de tensão, carga, descarga e relaxamento.

“A vivência orgástica plena se dá quando o organismo é capaz de atravessar os quatro tempos: tensão, carga, descarga e relaxamento. Qualquer bloqueio nesse ciclo levará à estagnação da energia vital.” (Reich, *A Função do Orgasmo*, 2001, p. 65)

A repressão da sexualidade, da criatividade, da espontaneidade e do afeto contribui para o desenvolvimento de patologias físicas e emocionais. Reich compreendeu que essas repressões não são apenas individuais, mas estruturais, moldadas por uma sociedade patriarcal, autoritária e moralista. Ele identificou que essas repressões geram um encorajamento crônico do corpo — um conjunto de tensões musculares fixas que cristalizam padrões defensivos. Assim, o corpo passa a funcionar em um estado de contenção crônica da energia vital.

A função do orgasmo é, portanto, biológica, energética e política. A sua ausência ou limitação não apenas prejudica a sexualidade, mas compromete a vitalidade como um todo, impedindo que o sujeito entre em ressonância com sua natureza profunda. A liberdade orgástica é entendida como expressão da saúde plena, sendo, assim, uma via de acesso ao equilíbrio emocional e à realização existencial. Essa visão será ampliada por Genovino Ferri, ao compreender que essa pulsação vital não se restringe à vivência sexual, mas à forma como o corpo e a psique se movimentam em todos os domínios da vida.

3 A ATUALIZAÇÃO DE GENOVINO FERRI

Genovino Ferri, médico e psicoterapeuta italiano, expande as ideias de Reich ao introduzir o conceito de “pulsação neguentrópica”. Como Reich postulou, também para Ferri o corpo humano possui sete níveis segmentares — olhos/nariz/ouvido, boca, pescoço, tórax, diafragma, abdômen, pélvis/pernas — que funcionam como estações de registro e expressão energética, emocionais e



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

relacionais. Esses níveis são atravessados por uma pulsação vital, que, quando fluente, manifesta-se como criatividade, prazer, entrega e saúde.

“A pulsação neguentrópica é o movimento de retorno à vida, ao vínculo e à integração do corpo com o cosmos.”
(*Ferri, Il Corpo e l'Anima*, 2020)

A pulsação neguentrópica, segundo Ferri, é o movimento ascendente da vida, que busca autorregulação e integração. Ele propõe que, assim como existe um tempo externo (cronológico, linear e entrópico), também há um tempo interno, marcado pelo ritmo da emoção, do vínculo e da presença. Essa perspectiva bottom-up complementa a lógica top-down da evolução biológica e psíquica através das fases de desenvolvimento. O corpo, quando respeitado em sua escuta e em sua poética, pode reativar e flexibilizar essas pulsações que foram bloqueadas pelas experiências traumáticas, pela repressão afetiva e pelas exigências culturais.

Ferri também descreve os traços de caráter que se formam no percurso do desenvolvimento humano, desde o intrauterino até o genital. Cada traço expressa uma adaptação emocional e energética a vivências significativas. Os traços são: intrauterino (associado à segurança existencial), oral (nutrição afetiva), reprimido muscular (controle e rigidez), fálico (afirmação e performance), histérico (sedução e instabilidade) e genital (integração e entrega). A compreensão desses traços auxilia na leitura corporal e no manejo clínico dos bloqueios energéticos.

Integrando essa visão ao campo terapêutico, propõe-se que o terapeuta atue não apenas investigando resistências, frustrando as projeções e analisando o caráter, mas também escutando com atenção os segmentos onde ainda há pulsação, entrega e vitalidade no sentido de convidar o paciente à valorização do que pulsa — do que já está vivo no paciente — como estratégia de direcionar a energia liberada nos núcleos recalçados para incrementar as áreas da vida onde verifica-se pulsação e potência. Incluir a perspectiva de partir do que pulsa para se mobilizar o que está retraído. Essa abordagem sugere que a clínica não se limita à “correção do que está falho”, mas expande-se para nutrir o que está emergindo com força e autenticidade.

4 A SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA E SEUS DESAFIOS

A sociedade contemporânea está marcada por um excesso de estímulos, racionalidade, produtividade e conexões superficiais. Vivemos em uma era em que a informação é abundante, mas a escuta e o vínculo profundo são escassos. Byung-Chul Han, em "Sociedade do Cansaço",



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

descreve uma civilização que deixou de ser repressora para tornar-se exploradora da própria liberdade. Nesse contexto, o sujeito se torna seu próprio algoz, buscando incessantemente desempenho e positividade, até o esgotamento.

Zygmunt Bauman, em "Modernidade Líquida", alerta para a fragilidade dos vínculos humanos: relações descartáveis, amor utilitário e ausência de compromisso marcam as formas de estar junto. O medo da frustração impede o investimento afetivo e esvazia a experiência relacional. Essa condição se traduz em uma cultura emocional de inibição, vigilância e instabilidade.

“As relações são como bens de consumo: adquiridas com entusiasmo, descartadas com facilidade.” (Bauman, *Amores Líquidos*, 2003)

No campo dos vínculos corporais, há um fenômeno de virtualização crescente. As trocas físicas e sensoriais dão lugar à mediação por imagens, telas e avatares. A idealização de corpos e relações nas redes sociais cria um abismo entre o corpo vivido e o corpo representado, enfraquecendo a capacidade de presença e de contato genuíno.

Reich já antecipava esse movimento ao identificar o encouraçamento como resposta defensiva crônica da sociedade à dor emocional. A couraça, muscular e psíquica, congela a pulsação, cristaliza padrões, impede a entrega ao prazer e à espontaneidade. Morin nomeia essa condição de estado prosaico — a vivência funcional, repetitiva, utilitária. Em contraste, propõe o estado poético: experiências de encantamento, entrega, transcendência, ritualização e presença.

Como nos propõe Ailton Krenak, é preciso "adiar o fim do mundo" resgatando o encantamento da vida cotidiana e a conexão com a terra, com os ciclos naturais e com os afetos que nos sustentam. O reencantamento, nesse sentido, é uma convocação ética e poética à escuta dos saberes ancestrais, à desaceleração e à reverência diante do mistério da existência. (KRENAK, 2019)

Esses autores convergem ao apontar que a alienação moderna é um sintoma da perda do corpo, da sensibilidade e do vínculo. A pulsação neguentrópica torna-se, assim, um movimento de resistência e reconexão. Ela desafia o imperativo da performance e da contenção ao propor a restauração do fluxo, da emoção e da presença como bases de uma nova ética relacional.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

5 A POTÊNCIA ORGÁSTICA COMO CAMINHO PARA A RECONEXÃO

A potência orgástica, ao ser compreendida não apenas como função sexual, mas como expressão geral da vitalidade, convida-nos a pensar o processo terapêutico como caminho de reconexão. Reich propôs que o “como” do orgasmo é um índice de saúde emocional porque expressa a capacidade de entrega, de pulsação energética fluente e de relaxamento. Ampliamos essa noção ao sugerir que essa potência pode se manifestar em todas as áreas da vida — nas relações, no trabalho, na arte, na espiritualidade, no cuidado.

Em *A Superposição Cósmica*, Reich aprofunda essa visão ao afirmar que o organismo pulsa em busca de uma fusão com o cosmos — um movimento natural de expansão da consciência e da energia vital em direção ao outro, ao universo, ao todo. Tal impulso revela uma dimensão cósmica da potência orgástica, que ultrapassa o indivíduo e o conecta a uma matriz viva universal. (REICH, 1948)

A clínica, nesse sentido, passa a ser o lugar onde se pode identificar, nutrir e expandir as zonas vivas do ser. Em vez de centrar exclusivamente a atenção nas resistências e nos sintomas, propõe-se também investigar onde há pulsação, onde há espontaneidade, onde ainda é possível gozar e criar. Esses pontos são chamados de fractais de potência — áreas em que, apesar do trauma ou da couraça, a energia ainda circula. A partir deles, torna-se possível incrementar o fluxo energético em outras áreas mais bloqueadas.

Essa escuta clínica orientada pela pulsação neguentrópica exige do terapeuta a sensibilidade para reconhecer movimentos sutis do corpo, gestos espontâneos, suspensões de tempo, frases soltas e emoção que revelam onde a vida pulsa. Muitas vezes, não é pelo enfrentamento direto da resistência que se alcança a cura, mas pelo investimento intencional naquilo que pulsa com verdade. É preciso instilar estados que convidem o sujeito a se entregar, a sentir, a respirar e a confiar no vínculo, criando novos fractais que possam ser experimentados e sustentados.

Esse modelo propõe uma clínica que restaura a confiança na energia vital do corpo, na capacidade do organismo de se autorregular e de criar sentidos a partir da experiência. A potência orgástica torna-se, assim, mais do que um conceito técnico: ela é um princípio ético e terapêutico que sustenta o projeto de reconexão com a vida, com os outros e consigo mesmo.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

“Onde não há fluxo de energia, há estagnação, dor e neurose. Onde há entrega, há cura.” (Reich, *A Função do Orgasmo*, 1927)

6 SETTING ORGÁSTICO E ESTADO POÉTICO

A proposta de um cenário orgástico no setting terapêutico está ligada à ideia de que a terapia não deve se limitar à decodificação de sintomas, mas pode ser também um espaço de encantamento, expansão e criatividade. Edgar Morin fala da necessidade de se restaurar o estado poético da existência — momentos de beleza, presença e transcendência que suspendem o tempo ordinário e ativam uma dimensão profunda do ser.

Esse estado poético é pulsante, é afetivo, é criativo. Ele não é incompatível com a técnica analítica, mas é a alma da técnica quando esta está a serviço da vida. O terapeuta, então, deve atuar como alguém que escuta o corpo e a alma do paciente, que acolhe não apenas o sofrimento, mas também a potência. Deve estar atento aos gestos espontâneos, às emoções súbitas, aos estados de presença que revelam a organicidade do encontro.

O setting orgástico, nesse contexto, é aquele onde se valida e se estimula o investimento energético nos segmentos onde há mais vida. Não se trata apenas de remover couraças, mas de instigar aquilo que pulsa apesar das couraças. É uma clínica que aposta na força criadora do desejo, na capacidade do corpo de se reorganizar a partir de experiências afetivas intensas e no potencial do vínculo como campo de regeneração. O setting deve ser um campo de vida, não de contenção. Um campo onde o corpo possa viver.

Para isso, é necessário romper com a lógica do controle e da neutralidade técnica que ainda marca parte da prática clínica. O terapeuta deve habitar sua própria sensibilidade, estar em contato com seu corpo e permitir-se afetar-se pela relação. Essa afetabilidade não compromete a ética do cuidado — ela a fortalece, pois permite um manejo mais preciso, mais humano e mais presente da energia que circula no encontro. Assim como se verificou a importância da transferência do paciente, verifica-se também a importância da contratransferência do terapeuta para a vivacidade e potência da clínica.

O cenário orgástico é, portanto, o espaço terapêutico em que se celebra a vida em sua inteireza. Um espaço onde a poesia do corpo pode emergir e onde a escuta profunda é capaz de devolver ao paciente não apenas o sentido da dor, mas também o sentido da beleza de existir.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

7 TRANSFERÊNCIA, CONTRATRANSFERÊNCIA E A GESTÃO ENERGÉTICA NA TERAPIA

A relação terapêutica é o campo onde se manifesta, com intensidade e complexidade, a energia viva da transferência. A transferência é um fenômeno fundamental no campo da psicoterapia. Sigmund Freud descreveu a transferência como o processo pelo qual o paciente transfere ao analista sentimentos, expectativas e desejos inconscientes originalmente vivenciados com figuras parentais na infância. Para Freud, “a transferência cria uma situação totalmente nova, que, no entanto, tem a aparência de ser uma repetição de uma velha” (FREUD, 1912/1996, p. 109). Essa repetição, embora deslocada, carrega forte carga afetiva e energética, constituindo um campo relacional denso que pode tanto fortalecer o vínculo terapêutico quanto instaurar resistências. A transferência é também, à luz da abordagem reichiana e de sua atualização clínica, um espelhamento energético e afetivo profundo. Ela não é apenas resíduo de passado, mas material vivo de presente — expressão direta dos núcleos emocionais ainda não integrados do sujeito.

A contratransferência, nesse cenário, é a resposta do terapeuta ao campo transferencial. Inicialmente considerada um obstáculo por Freud, ela foi posteriormente reconhecida como material legítimo e necessário para o trabalho analítico, desde que o terapeuta tenha consciência dos seus próprios afetos. Para Reich e, mais recentemente, Genovino Ferri, a contratransferência é também um campo de escuta energética: o terapeuta não apenas analisa a transferência, mas a sente no corpo, em cada nível corporal. A escuta, então, torna-se encarnada. Ferri propõe que o terapeuta esteja atento à sua própria pulsação neguentrópica diante do campo transferencial, reconhecendo onde sua energia é convocada, tensionada ou bloqueada na relação com o paciente. Ele chamou isso de contratransferência de traço e contratransferência de nível corporal.

“A escuta da contratransferência deve ser feita nos segmentos corporais. O corpo do terapeuta também escuta.” (Ferri, *Il Corpo e l’Anima*, 2020)

A contratransferência, nesse mesmo registro, deixa de ser vista apenas como obstáculo e passa a ser compreendida como dado clínico pulsante. Quando o terapeuta está em contato com seu corpo e sua afetividade, pode escutar o que o outro desperta em si como material de investigação e conexão. Essa escuta exige discernimento, mas também entrega. É fundamental que o terapeuta aceite sentir-se tocado, movido e até mesmo desorganizado em certos momentos



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

— desde que possa, a partir disso, elaborar e transformar essa energia em ferramenta terapêutica, porque a frustração transferencial libera muita energia.

Reich (1942) postulou que o afeto reprimido, especialmente o desejo não reconhecido, gera um bloqueio de energia que se manifesta corporalmente em forma de couraças. Quando essas expectativas não são correspondidas no setting, isso ativa a dor original, mas também mobiliza a energia bloqueada, tornando possível sua liberação e reinvestimento em experiências mais saudáveis e presentes. Ferri (2020) reforça esse ponto ao dizer que é justamente no ponto de colapso do fluxo energético — onde houve trauma ou negação de uma necessidade legítima — que a frustração consciente pode ser canalizada como movimento de reintegração.

Assim, o manejo terapêutico exige sensibilidade para sustentar a frustração como potência. Ao invés de eliminar a dor, a função do analista é criar um campo seguro onde ela possa ser vivida, compreendida e ressignificada, e a energia redirecionada. Dessa forma, a frustração torna-se portal para a restauração da pulsação neguentrópica — uma reorganização afetiva e energética do sujeito, conectando-o novamente com sua capacidade de amar, desejar e agir no mundo de forma criativa. E o setting terapêutico torna-se, assim, um campo relacional onde novas formas de vínculo podem ser experimentadas e incorporadas com potência e verdade.

8 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, explorou-se a potência orgástica como um conceito-chave na clínica reichiana e em sua atualização contemporânea por Genovino Ferri. A partir da leitura de Reich, compreende-se que a saúde emocional não se resume à ausência de sintomas, mas se expressa na capacidade de pulsar — de viver plenamente os ciclos de tensão, entrega, descarga e relaxamento.

“A ética da vida está no cuidado com o que pulsa.” (*Morin, Amor, Poesia, Sabedoria*, 1997)

A atualização feita por Ferri amplia essa compreensão, ao integrar a noção de pulsação neguentrópica em cada nível corporal, relacionando-a ao tempo interno, às emoções, ao vínculo e ao sentido existencial. Essa perspectiva valoriza a escuta do corpo como território de memória, expressão e transformação.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

Num mundo marcado pelo cansaço, pela virtualização das relações e pela exigência de desempenho contínuo, a proposta clínica aqui delineada oferece um contraponto vital. Ela sugere uma escuta que acolhe não só a dor e o sintoma, mas também a pulsação já presente — os estados poéticos que resistem à entropia cultural e existencial. O ambiente terapêutico se torna, assim, um espaço de resgate da organicidade e da beleza da vida.

A transferência e a contratransferência são compreendidas não apenas como mecanismos psíquicos, mas como manifestações energéticas do vínculo. Quando manejadas com presença, ética e autenticidade, tornam-se instrumentos de transformação profunda. A clínica se humaniza, torna-se coabitada e coafetada.

Potência orgástica, pulsação neguentrópica, estado poético e gestão energética são, neste trabalho, expressões de um mesmo princípio: o da vida que busca se reorganizar, se expandir e se relacionar com mais verdade. Conclui-se que todo processo terapêutico que deseje ser vivo, sensível e transformador deve levar em consideração não apenas o que falta, mas sobretudo o que pulsa. E é nessa pulsação que habita o caminho possível para o cuidado, para a presença e para a reconexão consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

“É preciso instilar constantemente estados poéticos na vida. Lembrando que a vida é tecida de prosa e poesia”. Edgar Morin

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. *Amores Líquidos: Sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

FERRI, Genovino. *Il Corpo e l'Anima: Il principio pulsante nella psicoterapia*. Roma: Edizioni Mediterranee, 2020.

FREUD, Sigmund. *A Dinâmica da Transferência* (1912). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. v. 12. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. *Nova Conferência Introdutória sobre Psicanálise* (1933). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. v. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

HAN, Byung-Chul. *Sociedade do Cansaço*. Petrópolis: Vozes, 2015.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MORIN, Edgar. *Amor, Poesia, Sabedoria*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.



COMO REFERENCIAR ESSE ARTIGO

FORONI, Frederico. A potência orgástica como pulsão neguentrópica: visões do vínculo contemporâneo. In: VOLPI, J. H.; VOLPI, S. M. (Org.) 28º CONGRESSO BRASILEIRO DE PSICOTERAPIAS CORPORAIS. **Anais**. Curitiba: Centro Reichiano, 2025. [ISBN – 978-65-89012-06-1]. Disponível em: <https://www.centroreichiano.com.br/anais-dos-congressos-de-psicologia/>. Acesso em: ____/____/____.

REICH, Wilhelm. *A Função do Orgasmo*. São Paulo: Editora Pensamento, 2001.

REICH, Wilhelm. *Análise do Caráter*. São Paulo: Summus Editorial, 1977.

REICH, Wilhelm. *A Superposição Cósmica*. São Paulo: Editora Pensamento, 2002.

Frederico Foroni / Cunha / SP / Brasil

Terapeuta corporal com mais de 20 anos de experiência, especializado em abordagens integrativas. Possui formação diversificada, destacando-se as formações em Análise Reichiana Contemporânea pelo IBAR, Bacharelado em Direção Teatral pela Faculdade de Artes Cênicas da USP, Terapia Centrada no Ser pela Escola DEP-SP, Master Practitioner em PNL pela Iluminatta, Terapia Corporal Romanowski e os estudos em Meditações Ativas do Osho e Kriya Yoga.

E-mail: fredericoforoni@gmail.com